

Intervenção Senhor Professor Doutor Adriano Moreira

Senhor Presidente da República

Senhora Dr.^a Maria Cavaco Silva

Excelência Reverendíssima

Senhores Autarcas

Minhas Senhoras e meus Senhores

Eu não escrevi nenhum discurso, vou tentar dizer apenas algumas palavras.

Em primeiro lugar queria-me regozijar com a visita do Presidente da República. O Senhor Presidente inaugurou hoje um elemento aos Caretos, eles estão nesta península a resistir aos maus espíritos antes da chegada dos romanos, ainda não ganhamos a batalha, mas pensamos que não está perdida, e ficamos felizes porque o Senhor Presidente veio participar nessa luta contra os maus espíritos, que no fundo são altamente responsáveis por esta interioridade e por esta natureza hostil, tantas vezes, e que, ao mesmo tempo foi pagando à comunidade portuguesa o facto de ser uma parcela do País em relação à qual não há histórias de guerra para entrar no Reino, porque sempre foi do Rei, e também o número de pessoas nascidas em Trás-os-Montes, que prestaram tanto serviço no exercício do civismo, activo e responsável à Comunidade Portuguesa.

Naturalmente, eu fico feliz com o carinho com que receberam esta doação de uma Biblioteca, que eu fiz com modéstia suficiente e sabendo que outras pessoas deram já este exemplo, e eu quero recordar duas, uma do meu tempo de criança, outra felizmente ainda viva. O primeiro, o Abade de Baçal, que tanto contribuiu para a ciência Portuguesa, e sempre sem deixar Trás-os-Montes. E depois viva, a Graça Morais. A contribuição que ela fez e o Museu que aqui temos. E isso é um grande exemplo do carinho, da dedicação, da vontade de contribuir para o fortalecimento das instituições. E sobretudo, nesta data em que, parece que toda a comunicação social faz profissão da teoria dos inconvenientes, dos desastres, das dificuldades, da incapacidade dos responsáveis pela gestão pública, dá-me alegria poder contribuir com um bom exemplo de gestão, administrativa, local, regional, que é a administração do Distrito de Bragança, da Câmara Municipal de Bragança. Eu acho que o Senhor

Presidente, Senhor Engenheiro Jorge Nunes, vai ficar na história do nosso Distrito, da nossa província, e sobretudo da nossa cidade, pela transformação equilibrada, bem orientada, sem exibicionismos, sempre com o sentido da eficácia e do serviço da comunidade, que posso admitir olhando às críticas que vejo em relação à Administração Local do país, que talvez não haja muitos exemplos, mas sugiro que se publique. Está aqui um bom exemplo, e que seria bem olharem para a maneira como esta gestão tem sido feita.

Finalmente, queria dizer apenas algumas palavras, não muito longas, sobre as razões pelas quais eu resolvi dar esta pequena contribuição para o fortalecimento do equipamento científico e escolar de Bragança.

Em primeiro lugar, eu julgo que o capital mais importante que o País precisa de desenvolver neste momento, é a capacidade científica e técnica. Sei que a rede pública do ensino está numa enorme crise. Sei que várias instituições da rede pública estão em crise financeira. E sei, que o Instituto Politécnico de Bragança e a Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, têm que ser defendidas como instrumentos fundamentais para o desenvolvimento da capacidade científica, técnica e profissional da nossa província. E não queria deixar de aproveitar este momento, para insistir numa razão, que eu julgo que tenho, é que a última parcela importante de Soberania funcional da Europa neste momento está na capacidade das pessoas e isso são despesas de soberania, e não pode entregar-se isso à teologia de mercado, que foi responsável pelo desastre financeiro, com reflexos na economia real, que nós todos estamos a atingir. Quando eu me permito dizer esta palavra, na certeza de que são dirigidas a ouvidos atentos, ousáveis e devotados, como é o Presidente da República, é porque entendo que estas duas Instituições de Ensino Superior, elas são elementos da soberania, são despesas de soberania, não é a teologia de mercado que pode orientar a reformulação, a redefinição, e naturalmente o fortalecimento dos recursos humanos que são fundamentais.

Depois, não quero demorar muito tempo, quero dizer algumas palavras sobre a nossa gente, e porque é que eu dou tanta importância a estas questões. Em primeiro lugar, nós somos de uma região que foi sempre pobre. A minha família era de gente pobre. Mas eu recordo a memória do meu avô paterno, que eu não conheci, o avô Acácio, que trabalhava num moinho, nasceu, viveu e morreu no século XIX, teve oito filhos, e nenhum era analfabeto. O meu outro avô, que também teve oito filhos, era já de um meio onde existiam professores primários, teve igualmente oito filhos. Enterrou cinco. Mas também, nenhum era analfabeto. E quando eu tomei esta decisão, foi sobretudo a

pensar nessa gente, que é a que mais me lembra quando os anos passam. Eu tive a felicidade de lidar com gente ilustríssima em variadíssimos países, mas hoje quando penso nas origens lembro-me mais frequentemente, por exemplo da minha tia Ana, Está em S. Paulo, emigrante, fez 102 anos há uma semana. E ainda se lembra de Trás-os-Montes. E ainda tem o meu retrato pendurado no quarto dela.

Lembro-me também da *Maria boleira*, em relação à qual já tenho uma privação enorme, cada vez que eu chegava eu tinha uma bola de azeite à minha espera. Já não tenho quem me traga a bola de azeite.

Lembro-me do *tio Manuel fiscal*, que quando se despedia de nós, dizia sempre, “*saúde ao dinheiro, que deus não pode dar tudo!*” E nós íamos confortados com esse apoio. E isso, faz com que o meu espírito permanentemente tenha a imagem dos emigrantes, que sempre fomos, do meu pai emigrante para a grande cidade, para a comunidade transmontana, de Lisboa, que como sabem é uma cidade feita por subscrição nacional, não há outra razão para termos uma cidade de Lisboa como aquela, Polícia de Segurança Pública, a minha mãe a trabalhar duro, e imagino os dois, algum dia no descanso do trabalho dela, e ele também cansado, tendo decidido isto: o rapaz tem de tirar um curso superior! É notável! É notável! E reeditaram isso, a minha irmã, que está aí, ela também foi orientada para fazer, e cumpriu, o Curso de Medicina. E isto é uma demonstração da capacidade dos Transmontanos. O avô moleiro que não tinha filhos analfabetos... tantos exemplos temos nesta província. Os dois emigrantes cheios de dificuldades, dizem, *há um salto a dar*. O rapaz tem que fazer o curso superior, e quando ela nasceu, ela também. E realmente fez esse curso superior.

Eu encontrei comunidades de transmontanos em muitos lugares por onde andei. Mas sobretudo nos sítios onde havia comunidades de origem Portuguesa, a solidariedade deles era total. Não posso esquecer, um dia que cheguei ao colonato da Cella e aquilo que estava à minha espera eram alheiras e foliar... E, dito isto, queria juntar-me àqueles que estão não apenas a teorizar o problema da interioridade, haverá aqui um debate em Bragança depois de amanhã, organizado pelo Senhor Presidente da Câmara, com a concorrência de Professores Universitários Transmontanos, que vêm cá discutir o problema, queria dizer que apoio inteiramente a solidariedade das sociedades civis transfronteiriças, como está a acontecer neste momento, nesta região, já com manifestações importantíssimas, de solidariedade dessas sociedades civis, o que implica uma enorme defesa das identidades, o que implica uma mensagem para os responsáveis, também volto ao tema do ensino, que parecem andar a tratar as humanidades com o descuido de quem repara que não tem o retorno

financeiro, mas que se esquecem que não há tecido social identificador se as humanidades não forem cultivadas. Mais uma vez apelo a que se considere que é matéria de soberania, aquilo de que estamos a falar.

Para terminar, queria fazer uma lembrança, uma dedicatória a um livro meu, que talvez seja o último que vai sair. A nossa emigração ao longo dos tempos foi enorme. Teve várias causas. Hoje foram migrações de estado, a conquista de território mobilizou as gentes para isso. A expansão, mobilizar a gente para isso. Os milhares de rapazes que saíam por ano, para isso, para essa tarefa.

Depois, a migração a salto. Quem é que assegurou a vida da nossa sociedade civil? Quem é que assegurou a gestão das casas que ficavam, da economia rural que tínhamos, da educação dos filhos? A minha lembrança neste dia, e quando vamos falar tanto em interioridade, é à recordação das viúvas de *homens vivos*, que asseguraram a identidade da nossa província, enquanto os homens, ou para cumprir o dever para com o Estado, ou para procurarem outra liberdade, ou para procurarem outro modo de vida, ou para procurarem os recursos que sustentariam as famílias que ficavam, foram elas que asseguraram a identidade de que nós todos nos orgulhamos hoje. Peço neste dia, uma lembrança para essas viúvas de homens vivos!